



**Megatemplos  
Evangélicos:  
Linguagens  
híbridas e  
estéticas de  
consumo no  
espaço sagrado**

**Rita Cássia Alves<sup>1</sup>**

**Evangelical  
Megachurches:  
Hybrid and  
aesthetical of  
consumption in  
sacred space**

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Planejamento Urbano pela UFRJ. E-mail: ritaantropologia@gmail.com



## Resumo

Este artigo apresenta algumas considerações sobre a monumentalização das igrejas evangélicas na forma de megatemplos. Observa-se que os megatemplos evangélicos são resultado de ações combinadas para fins estratégicos, que se caracterizam como elementos potencializadores de integração do cristianismo evangélico à cidade, ou mesmo se apresentando como elemento de “resposta” aos anseios da vida na metrópole. Procurei considerar essas práticas em seus aspectos mais expressivos, de modo a apreendê-las em sua racionalidade e no contexto da dinâmica urbana examinada. Apresento como objeto de análise o Templo da Glória do Novo Israel-IURD em Del Castilho/RJ, com um projeto arquitetônico pensado para proporcionar uma experiência de consumo estético agradável aos sentidos fisiológicos e espirituais.

**Palavras-chave:** Megatemplo, Consumo, Hibridismo.

## Abstract

This article presents some considerations on the monumentalization of evangelical churches in the form of megachurches. It is observed that the evangelical megachurches are the result of combined actions for strategic purposes, which are characterized as potential elements of integration of evangelical Christianity to the city, or even presenting itself as an element of "response" to the yearnings of life in the metropolis. I have tried to consider these practices in their most expressive aspects, in order to apprehend them in their rationality and in the context of the urban dynamics examined. I present as an object of analysis the Templo da Glória do Novo Israel-IURD in Del Castilho / RJ, with an architectural project designed to provide an aesthetic consumption experience pleasing to the physiological and spiritual senses.

**Keywords:** Megachurches, Consumption, Hybridity.

## Introdução

Desde finais do século XX observamos uma tendência relevante nas configurações urbanas, caracterizada pela projeção de megatemplos religiosos – especialmente evangélicos – nas grandes metrópoles brasileiras. Nos anos 1990, este modelo arquitetônico foi introduzido ao contexto evangélico brasileiro quando da inauguração do Templo da Glória do Novo Israel<sup>1</sup>, antiga sede mundial da Igreja Universal do Reino de Deus, construído no bairro de Del Castilho, zona norte do Rio de Janeiro. De lá para cá, diferentes correntes evangélicas – desde as tradicionais até as neopentecostais e alternativas – aderiram à construção de catedrais enquanto modelo de expressão da força e hegemonia de suas denominações. Sendo este um fenômeno cada vez mais recorrente na morfologia urbana, devemos pensar: o que caracteriza a produção dos megatemplos que combina com certas maneiras de ser e estar na cidade?

As transformações estruturais da sociedade brasileira – urbanização, industrialização, monetização, secularização da vida, entre outros fatores – indubitavelmente tiveram uma influência na transição religiosa do país e expansão das denominações do cristianismo evangélico. Com o aumento do poder econômico de alguns estratos da população brasileira, o qual possibilitou certa mobilidade social de indivíduos da classe D para as chamadas classes C e B nos anos 2003 em diante, verificou-se que os efeitos dessa transformação econômica também se fizeram presentes nas igrejas evangélicas. Entre os grandes estados brasileiros, o Rio de Janeiro é, de acordo com Diniz et. al. (2017), a Unidade da Federação mais avançada no processo de transição religiosa (com um crescimento de 61,5% no número de evangélicos de 2000 para 2010), sendo que “a difusão das filiações pentecostais tem um padrão muito peculiar – partindo da periferia da região metropolitana para o restante do estado, seguindo a rota das grandes rodovias e eixos viários metropolitanos” (DINIZ et. al., 2017, p. 222).

Em meio ao crescimento da população evangélica como um todo ocorre uma considerável flexibilização nos costumes estéticos, sociais e morais; passa-se a valorizar a arquitetura imponente, que exprima os avanços em termos de poderio econômico da classe de fiéis; e inicia-se, em contrapartida, um diálogo mais frequente entre o cristianismo evangélico e os conjuntos urbanos. Tal proposta passa a ser culturalmente orientada no atendimento às especificidades locais, de modo que as megaestruturas sagradas estejam vinculadas à vida das pessoas, reunindo estratégias bem concatenadas para o rearranjo das relações coletivas, no resgate da autoestima da comunidade para o encontro a um novo movimento existencial, de autoconhecimento e de qualidade de vida – social e espiritual.

---

<sup>1</sup> Também chamado de “Templo Maior”, por ter sido uma das primeiras catedrais em grandes proporções e volumetria construídas pela IURD.

## Megatemplos Evangélicos: Linguagens híbridas e estéticas de consumo no espaço sagrado

Deste modo, a produção de um espaço hegemônico e plural construído por igrejas evangélicas fortemente organizadas tem como um de seus principais referentes o megatemplo: um lugar de culto evangélico que condensa um conjunto de atividades de consumo, de produção de cultura e políticas sociais direcionadas a seus usuários. Os megatemplos caracterizam-se por projetos suntuosos, cuja arquitetura transita pelas releituras entre os estilos neoclássico ou modernista<sup>2</sup>. Podemos mensurá-lo não apenas por suas dimensões físicas – com santuários que comportam até 10 mil pessoas ou mais -, porém especialmente por sua extensão relacionada a outros serviços. Neste sentido, o megatemplo evangélico caracteriza-se como um espaço construído que condensa formas de fazer, pensar e agir do universo evangélico, qual seja: traduzir uma religião que produz sentidos de prosperidade e bem-estar social na cidade.

Segundo David Harvey (2008), uma das dimensões do ajuste espacial é atualizar as demandas do ambiente construído, dada a centralidade do território no espaço urbano coadunando-o com as formas capitalistas mais avançadas. Serviços que antes não existiam passam a aparecer, requeridos pela necessidade de acumulação no circuito primário. As formas pretéritas dos espaços de culto evangélicos impediam a constituição de um consumo aliado à modernidade. Neste sentido, coube aos megatemplos modernos atualizarem seu ambiente construído para melhor cumprir uma função social. Novos espaços e relações espaciais são produzidos para dar vazão a outros imperativos. O megatemplo evangélico contemporâneo não apenas cumpre a função aglutinadora de fieis: ele, além disso, inova e dinamiza sua oferta de serviços para atender a um público cada vez mais frequente, plural e global.

Reuniões que ocorrem nos sete dias da semana, em todos os turnos, é a característica mais fundamental de um megatemplo. E para garantir novos conteúdos, estes espaços são criadores de serviços como visitas guiadas, exposições, atividades sociais, desportivas e culturais, serviços de saúde e várias outras programações até então atípicas a um templo religioso. Sendo assim, o megatemplo evangélico trabalha com o capital cultural e de consumo, abrindo espaço a novos territórios híbridos, com equipamentos que vêm aumentar suas potencialidades comerciais. Ele tem: 1. Lugares para ver; 2. Lugares para socializar; 3. Lugares para experimentar. Esse microcosmo que é, na realidade, a própria atração.

Ao longo deste trabalho destacarei três aspectos importantes: a tendência histórica de monumentalização do espaço religioso evangélico; os modelos de racionalidade proposto pelos megatemplos evangélicos às crescentes demandas oriundas nas metrópoles; seus equipamentos de entretenimento e consumo. O case ilustrativo desse fenômeno será o Templo da Glória do Novo Israel, nosso objeto de estudo. A hipótese defendida é a de que este novo modelo de espacialização dos templos faz parte de uma estratégia de ampliação dos interesses da religião, uma vez que o cristianismo evangélico utiliza o megatemplo para produzir distintos arranjos que vão além do âmbito religioso. São diferentes serviços

---

<sup>2</sup> No item 2.1 irei expor com mais detalhes a transição entre os códigos estéticos que compõem a arquitetura dos megatemplos evangélicos atuais.

inerentes às demandas urbanas. Neste sentido, tais correntes evangélicas vão absorvendo os dispositivos que estariam dispersos na cidade, trazendo-os para dentro da religião.

Na primeira parte serão apresentadas reflexões sobre o cristianismo evangélico em sua possibilidade de habitar o espaço urbano a partir do megatemplo. No segundo momento trago uma abordagem teórica sobre o reacomodamento dessa estrutura religiosa em termos de suas escalas e racionalidades - estética, econômica e sociopolítica. Na terceira parte descrevo a emergência do Templo da Glória do Novo Israel, da IURD, e apresento alguns exemplos de hibridismos que produzem a convergência de diferentes linguagens, garantindo novas estéticas de consumo no espaço sagrado.

## Metodologia

Nossa metodologia principal de análise constitui-se na etnografia urbana, que inclui como ferramentas a observação participante, a coleta de dados primários e o levantamento de dados em fontes de pesquisa. Como dados primários serão elencados aqui parte das anotações do caderno de campo e do acervo fotográfico – ambos produzidos a partir de 2018. Como fontes secundárias foram examinadas as informações do portal da Secretaria Municipal de Urbanismo do Rio de Janeiro (SMU-RJ) e da base georreferenciada da mesma secretaria (App “Legislação Bairro a Bairro”<sup>3</sup>), assim como nosso levantamento bibliográfico em matrizes interdisciplinares como Comunicação, Antropologia e Planejamento Urbano. Destacamos como referenciais teóricos os trabalhos de Néstor Canclini (no campo do consumo cultural), David Harvey (nas análises do ordenamento socioespacial), Edlaine Gomes (sobre a historicidade do megatemplo IURD em Del Castilho) e as abordagens de Lucia Santaella (sobre hibridismos e linguagens de consumo).

## 1. Megatemplo: conceito e historicidade

Estudar a história de um conceito implica pensar em quais think tanks<sup>4</sup> eles foram construídos ou reformulados. Com o objetivo de problematizar este objeto contemporâneo, busco entender como se dá a produção do megatemplo enquanto categoria analítica e metonímia de um discurso de potência da religião, que muitas vezes toma uma dimensão política, de uma estética da existência no cristianismo evangélico.

---

<sup>3</sup> Aplicativo digital disponível no endereço <http://mapas.rio.rj.gov.br/#>. Dispõe de base georreferenciada com diversas informações sobre zoneamento, áreas protegidas, parâmetros urbanísticos, entre outros.

<sup>4</sup> Os *think tanks* são interpretações teóricas através das quais se busca pautar o debate político de uma dada categoria por meio da publicação de estudos, artigos de opinião e da participação em ambientes da mídia. Pensar a realidade de um conceito de forma inovadora é a tarefa dos teóricos dos *think tanks*, no entanto, deve-se ressaltar a probabilidade em que esse debate assuma, muitas vezes, as tarefas de representação de diversos grupos de interesses.

## Megatemplos Evangélicos: Linguagens híbridas e estéticas de consumo no espaço sagrado

Em nosso caso, uma breve revisão analítica indica que o megatemplo só passou a ser tornar uma categoria discutível quando esse tipo de arquitetura escalar passou a ser difundida na América Latina. Uma das primeiras literaturas a trabalhar este conceito foi o livro *Beyond Megachurch Myths: what we can learn from America's largest churches*, (“Além do mito dos megatemplos: o que podemos aprender com as grandes igrejas da América”), dos autores Thumma Scott e Dave Travis (2007). No Brasil, o campo analítico sobre o megatemplo ainda se apresenta modesto, sendo a principal referência no tema das grandes catedrais religiosas o antropólogo Ari Pedro Oro, que iniciou suas reflexões sobre secularização na religião nos anos 2000 e, mais recentemente, estudou a presença das grandes catedrais nas cidades.

A hipótese de Ari P. Oro (2012) é a de que as edificações grandiosas evangélicas, vistosas e opulentas, estão contribuindo para uma ressignificação do religioso no espaço público, e isso constitui uma espécie de turning point na história do campo evangélico, brasileiro em particular. Para o autor, esse fenômeno vislumbra “uma mutação em andamento no campo da disputa pela legitimidade pública do protestantismo no Brasil” (ORO, 2012, p. 89), considerando a cidade como um lugar privilegiado para observar as reconfigurações existentes no campo religioso, em particular nas relações entre religião e sociedade.

Enquanto tendência arquitetônica, os megatemplos tiveram seu início nos Estados Unidos na década de 1970, quando da expansão do protestantismo às camadas médias e altas em decorrência da dispersão do discurso da Teologia da Prosperidade, por meio do Movimento Palavra de Fé – tido como fundamento do repertório carismático e das narrativas contemporâneas sobre o gozo de uma vida próspera na Terra. Kenneth Hagin, norte-americano, ministro da Assembleia de Deus em Oklahoma e fundador do Rhema Bible Training Center (espécie de escola de formação de negócios e ministérios protestantes) foi o precursor desse novo modelo de magnitude da estrutura e linguagem estética evangélica. A doutrina do Movimento Palavra de Fé era baseada em quatro pilares (Hagin, 2004):

A) Fé e autoridade: o crente através da sua posição em Cristo tem autoridade sobre os elementos deste mundo;

B) Salvação: o “novo nascimento” se faz necessário para a transformação do homem, e tal aspecto é realizado pelo poder do Espírito Santo;

C) Cura física: acreditam que sempre é a vontade de Deus que um crente seja curado fisicamente de qualquer doença ou enfermidade e, por essa razão, defendem que a cura estava disponível para todos;

D) Prosperidade financeira: acreditam que é sempre a vontade de Deus que cada crente seja financeiramente abençoado por meio da fé. Embora Hagin tenha enfatizado que a prosperidade material está inclusa na bênção redentora, em seus ensinamentos está presente a ênfase no trabalho árduo e nas sábias práticas empresariais. Em seu livro *O toque de Midas* (2004), Kenneth Hagin escreve de forma acentuada e corretiva sobre o evangelho da prosperidade, enfatizando o trabalho e o empreendimento.

Essa ideologia do próspero fez com que as igrejas evangélicas norte-americanas criassem grandes templos que comportassem não apenas uma massa de fieis, mas que também fossem um reflexo palpável dessa nova linguagem religiosa. Com o passar dos anos, esses templos descaracterizaram-se de um espaço estritamente religioso para adotar uma arquitetura e estética que conjugam espetáculo, fé e bem-estar. Em geral, as megagregas norte-americanas oferecem diferentes serviços, utilizando o espaço dos templos para dispor de escolas, programas educativos e culturais, e outros diferentes serviços sociais.

Sabemos que o capitalismo e a crescente onda de neoliberalização propiciaram uma intensa “mercadificação de tudo” (HARVEY, 2008): relações rápidas e descartáveis, onde a transformação das pessoas em mercadorias provoca processos de desarticulação social e de criação de um “mundo de inseguranças crônicas, perda de proteções sociais e trabalho debilitante, em meio ao desmonte das instituições coletivas que um dia proporcionavam um mínimo de dignidade e apoio” (HARVEY, 2008, p. 183). Diante da ausência das articulações sociais baseadas nas instituições democráticas, os indivíduos se voltam inevitavelmente para outras formas institucionais por meio das quais possa construir solidariedades sociais e exprimir a vontade coletiva.

Não é sem razão então que, no presente século, as igrejas evangélicas históricas e pentecostais brasileiras ganharam um novo padrão. *A monumentalização das igrejas, em referência a uma arqueologia da história do cristianismo evangélico no Brasil, seria o ápice desse movimento de uma religião que começa nos estratos mais baixos da população, organiza-se depois numa associação religiosa muito forte, rica, com penetração grande em território nacional e internacional, e, no entanto, não perde totalmente a raiz que agrega suas comunidades de base. Seguindo essa disposição, os megatemplos integram-se a outras estruturas importantes do universo urbano possuindo como artérias extensivas da igreja centros psicossociais; serviços médicos e comunitários; centros educacionais e creches; comércio de vestuário e acessórios; livrarias; escritórios de mídia; museus; aconselhamento para relacionamentos, cursos sobre desenvolvimento de vida e liderança; programas de fortalecimento dos grupos familiares; entre outros serviços, assinalando a existência de demandas econômicas, estéticas e políticas por diferentes vias.*

Estudiosos da religião evangélica (MARIZ, 1995; ORO, 1997; MAFRA, 2012, entre outros) afirmam que essas formas sociais alternativas surgiram para preencher o vazio deixado pelos poderes do Estado, por partidos políticos e outras formas institucionais, que ou se desmantelaram ativamente ou simplesmente se deixaram esgotar como centros de empreendimento coletivo e de relacionamento social. Podemos supor então que o megatemplo, com sua estrutura grandiosa de atuação em diferentes escalas – desde a religiosa até a de ação social, pedagógica e política – surge como “uma nova forma de a religião evangélica expressar a relação do homem com o mundo, considerando a máxima de que a forma como uma determinada religião se fixa no espaço explicita a auto-imagem por ela construída” (ORO, 1997, p. 99).

Em minha pesquisa, chamo de megatemplo o santuário de culto evangélico com capacidade entre 6 a 10 mil pessoas ou mais que, concomitantemente, condensa em seus

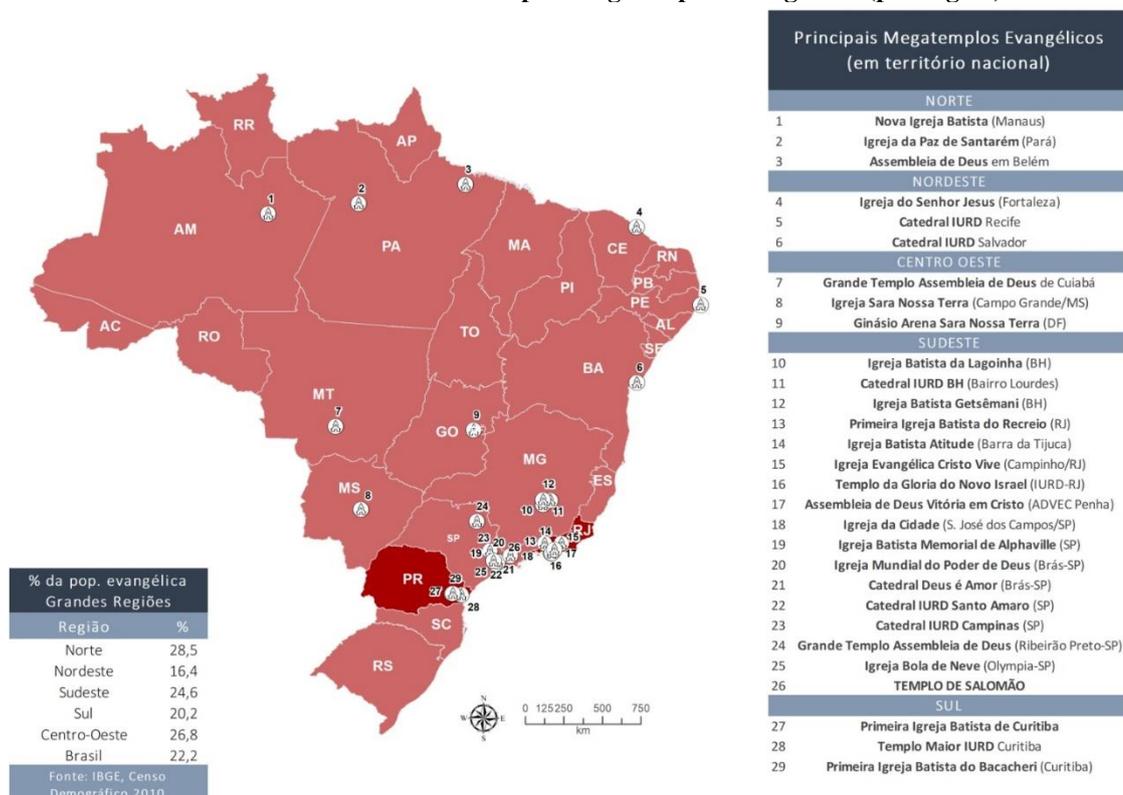
## Megatemplos Evangélicos: Linguagens híbridas e estéticas de consumo no espaço sagrado

anexos um conjunto de atividades econômicas, de consumo, de produção de cultura e políticas sociais direcionadas a seus usuários.

Os megatemplos geralmente se localizam em áreas específicas da cidade, ligadas às principais estruturas de mobilidade urbana e com afluência aos principais fluxos viários – rodovias, ferrovias, linhas de metrô e vias expressas, pelas quais é possível trazer pessoas de todas as partes. Quanto ao zoneamento do entorno dos megatemplos, tem tido ampla presença em bairros de camadas médias, com tendência a ocupar áreas nobres das grandes capitais. Tais localizações pretendem atingir a um grupo específico: aqueles que recorrem mais ao cristianismo evangélico (as camadas populares), mas também os frequentadores oriundos das classes médias urbanas simpáticos à “teologia da prosperidade”. Percebe-se que os megatemplos querem se aproximar desse público e de suas demandas. As escolhas dos lugares e sua escala espacial têm, portanto, finalidades estratégicas.

Levantamento preliminar em base de dados (IBGE e SIRGAS) apontou, segundo nossos critérios, a existência de 29 (vinte e nove) megatemplos evangélicos nas regiões brasileiras (FIGURA 1). É possível afirmar que essa nova configuração do sagrado na cidade observa novas necessidades espirituais e materiais. No jogo de símbolos urbanos, o megatemplo aparece como mimesis potente da religião evangélica, impondo-se como referencial em disputa frente aos demais credos – especialmente o catolicismo.

**FIGURA 1 – Principais megatemplos evangélicos (por região).**



Elaboração<sup>5</sup>: Rita Gonçalves/Victor Ricardini (2018).

<sup>5</sup> O endereço de cada megatemplo foi georreferenciado e definidas as coordenadas geográficas para eles. A partir disso foi possível inserir as coordenadas em um programa

Fontes: IBGE, 2010; SIRGAS, 2018.

Em termos formais, um mercado religioso é constituído pela dinâmica entre três componentes analiticamente distinguíveis, a saber: a) os “produtos” comercializados; b) os agentes que projetam, desenvolvem, “manufaturam” e distribuem os produtos; e c) os “consumidores” dos produtos (Usarski, 2012). Do ponto de vista do consumidor, os bens oferecidos são adquiridos em situações nas quais seja possível, para a figura do ator, posicionar-se positivamente diante de uma oferta de consumo. Canclini (1996) traz para este debate a hipótese de que o consumo deve ser tomado como processo cultural, encarando-o como prática social que dá sentido de pertencimento. Para isso, no entanto, é necessária uma concepção de mercado não apenas como lugar de troca de mercadorias, mas como parte de interações socioculturais mais complexas. Afinal, o consumo não é mera posse individual de objetos isolados, mas apropriação coletiva - através de relações de solidariedade e distinção com os outros - de bens que proporcionam satisfação simbólica e que servem para receber e enviar mensagens.

O ethos do consumo moderno, segundo Colin Campbell (2002), se caracteriza por uma busca constante e incessante de realização ou possibilidade de realização de uma vida melhor, através de experiências de consumo variadas, com a finalidade de adquirir o que se quer e deseja como uma atitude positiva. O consumo interpõe-se entre a formulação do desejo e sua realização, acarretando uma interpenetração entre os prazeres dos sentidos com aqueles da realidade. Assim, este consumo possui uma “ética romântica”, orientada pela busca de satisfações em níveis materiais, subjetivos e – por que não? – espirituais. Os megatemplos, enquanto agências religiosas produtoras de sentido oferecem, cada vez mais, “mercadorias” mágico-religiosas capazes de desencadear sensações prazerosas frente à possibilidade da realização da prosperidade abrangente. Neste sentido, o ato de comercializar não se constitui algo externo à fé.

Vejamos a seguir como os principais modelos de racionalidade propostos pelos megatemplos evangélicos colaboram às crescentes demandas oriundas nas metrópoles, e como seus equipamentos de entretenimento e consumo fortalecem o movimento de fieis nessas estruturas.

## 2. Escalas espaciais do megatemplo evangélico

### 2.1. Racionalidade Estética

---

digital de geoprocessamento (QGIS versão 3.4) para criação do mapa vetorial. Tendo as coordenadas geográficas de cada megatemplo, sobrepusemos com a base cartográfica contínua do IBGE de unidades da federação, criando assim um mapa dos principais megatemplos evangélicos brasileiros em sistema de referência geográfica SIRGAS. Vale destacar que para cada megatemplo foi definido um código para localização no mapa, exposto em tabela ao lado.

## Megatemplos Evangélicos: Linguagens híbridas e estéticas de consumo no espaço sagrado

De acordo com Mafra (2007, p. 145), certa lógica concreta nos adverte que, “na medida que o templo religioso é o lugar do divino entre os homens, este deve guardar certas qualidades de longevidade, durabilidade, permanência, para, no retorno, corroborar seu vínculo com o transcendente”. Mais múltipla e criativa que a lógica concreta citada, a estética oferece tanto a capacidade de incorporar como de divulgar idéias e significados das mais diversas tradições.

A racionalidade estética, neste sentido, se apresenta como possibilidade de um conhecimento de determinada tradição por meio dos sentidos, daquilo que nos afeta em nossa capacidade de perceber o mundo. Para Carlos Vainer (2010, p. 95), os argumentos a favor de uma estética monumentalista apontam para “um caráter de cunho instrumental com pretensos resultados”, quais sejam: i) a estética faz parte da promoção do bem-estar e difunde a qualidade de vida na metrópole, e; ii) cria símbolos da cidade, favorecendo o marketing urbano e contribuindo, desta forma, para atrair investidores.

É tendência atual entre os megatemplos evangélicos recorrer a estilos arquitetônicos neoclássico (recuperando a antiguidade greco-romana, com grandes colunas e abóbadas) ou modernista (com design retilíneo e formas funcionalistas). A composição paisagística é também um valor central, e muitas denominações investem em jardins adornados com pedras, oliveiras, tamareiras e outras árvores especiais. A volumetria das edificações é geralmente legível no tom das vias urbanas – algumas delas ocupam mais de um quarteirão. No interior do santuário, a composição de diferentes luzes aliadas ao potente tratamento acústico, às confortáveis poltronas e aos estímulos estéticos sonoros e visuais, permite que o visitante experimente algo próximo da sensação de transcendência.

O conforto físico e estético proposto pelos megatemplos projeta-se, portanto, como uma espécie de “oásis” em meio aos turbilhões socioemocionais que vivemos nas grandes cidades. Ao aproximar questões de saúde emocional e riqueza material, o templos-monumentos difusos pelo Brasil parecem estar em sintonia com os desafios do mundo contemporâneo e da vida mental na metrópole.

### 2.2. Racionalidade Econômica

Para Harvey Cox (1990), o mercado tem sido capaz de determinar quais são as necessidades humanas, e as últimas tendências da teoria econômica miram-se na tentativa de estender cálculos mercadológicos a áreas que antes se supunha isentas, tais como o corpo, a vida familiar, as relações interpessoais. Pensar a racionalidade econômica das igrejas na produção de um ambiente de consumo implica, assim, perceber quais têm sido suas estratégias para expandir uma série de atividades que respondem a uma demanda de interesse mais geral. A produção do templo como ambiente construído cada vez mais tem sido vinculada a uma função de suporte ao capital. E a própria produção desse ambiente é, ela mesma, uma mercadoria.

Segundo David Harvey (2008), uma das dimensões do ajuste espacial é atualizar as demandas do ambiente construído dada a centralidade do território no espaço urbano, coadunando-o com as formas capitalistas mais avançadas. Serviços que antes não existiam passam a aparecer, requeridos pela necessidade de acumulação no circuito primário. As formas pretéritas dos espaços de culto evangélicos impediam a constituição de um consumo aliado à modernidade. Neste sentido, coube aos megatemplos modernos atualizarem o ambiente construído para melhor cumprir uma função social. Novos espaços e relações espaciais são produzidos para dar vazão aos imperativos da acumulação de capital. A ideia do megatemplo possibilita, então, o funcionamento de uma miríade de ativos financeiros, cuja circulação do valor é fragmentada em diferentes escalas.

Neste sentido, destacamos como modelo exemplar desse tipo de consumo as lojas de artigos evangélicos, livrarias e vitrines presentes nos megatemplos evangélicos. Muitas delas oferecem roupas e acessórios idênticos àqueles usados por pastores, pastoras, líderes ou ícones do mercado fonográfico ligados às denominações destes santuários. Também é frequente o consumo de materiais impressos e digitais ligados ao ordenamento da vida espiritual, familiar e financeira. Tudo isso caracteriza um consumo com vistas a materializar um sentido cultural, estético e simbólico de referentes legítimos, dimensões nas quais o presente modelo de acumulação no meio evangélico está fortemente imbricado.

### 2.3. Racionalidade Sociopolítica

A questão de que tipo de cidade queremos não está divorciada do “tipo de laços sociais, relação com a natureza, estilos de vida, tecnologias e valores estéticos que criamos e desejamos” (HARVEY, 2012, p. 74). Neste sentido, quando tentamos encontrar razões a perguntas fundamentais, tais como: por que o Estado liberal não consegue atender às necessidades da sociedade? Por que aumenta a crise do sistema representativo? – os evangélicos operam em outro movimento. Vemos que as igrejas evangélicas administram hoje certas funções que se acreditou serem do Estado – como o cuidado com a saúde, educação, esportes, entre outros -, ministrando certas demandas individuais que passam a ser tratadas como coletivas.

Essas ações podem ser entendidas como estratégias políticas de inclusão dos fiéis a um determinado exercício de cidadania. Para Elisa Reis (1998, p. 35), a ideia de inclusão é inerente aos diferentes conceitos de cidadania a partir da “incorporação política do estado de bem-estar social”. A noção política de cidadania pode ser expandida ao incluir direitos, como o de educação e saúde, e na apropriação de outros bens em processos de consumo. O conceito também alimenta a noção de comunitarismo: práticas que atendem “ao apelo das virtudes cívicas, às metas comuns e à responsabilidade coletiva” (REIS, 1998, p. 40). Por isso, a função das igrejas - particularmente dos megatemplos – se insere nesses processos como um conjunto de atos de responsabilidade social, através dos quais tratam de participar dos arranjos da produção e da circulação de práticas de bem-estar social e de fortalecimento do comum.

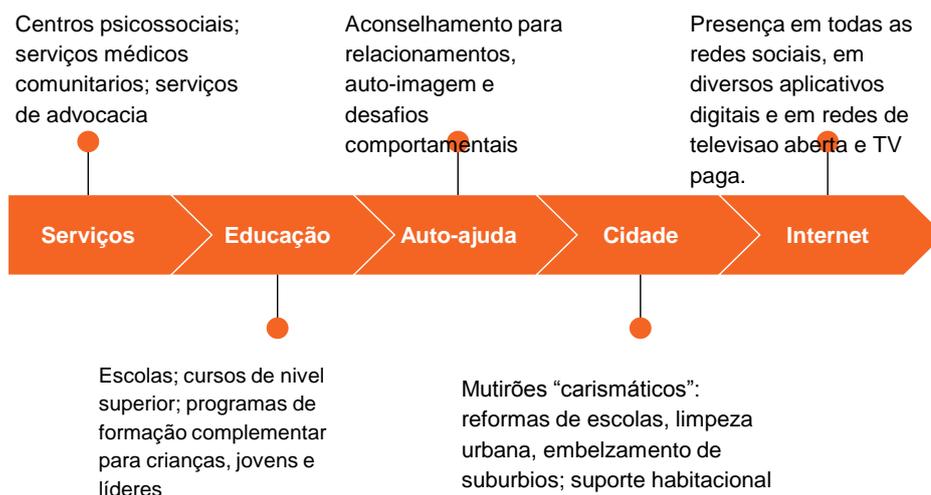
## Megatemplos Evangélicos: Linguagens híbridas e estéticas de consumo no espaço sagrado

A incorporação dessa nova ética corporativa da responsabilidade social ao modelo religioso corrobora a tese de Timothy Mitchell (2006), para quem os mecanismos institucionais na ordem política moderna nunca estão confinados dentro dos limites do que se chama formalmente de Estado. Isto significa dizer que certas ordens sociais se mantêm por meio da criação de certos mecanismos para gerar recursos de poder. A política social dos megatemplos evangélicos é um destes mecanismos institucionais, portanto, um lócus privilegiado daquilo que Mitchell chama de “efeitos de Estado”.

Assim como o Estado possui sua racionalidade, a atuação da igreja também é feita de modo organizado, e os vínculos formados pela oferta de serviços têm o seu caráter estruturante de relações sociais entre as igrejas e os fiéis. Ao atuarem como “mediadores de demandas locais” e “interesses relacionados às suas redes políticas” (BEZERRA, 1999, p. 256), o que está em pauta é situar-se de um lado da sociedade – o de provedor das demandas de conforto da matéria e do espírito -, onde a manutenção dessas práticas aponta para a capacidade de renovação e força social das mesmas.

As modalidades de amparo que caracterizam o fazer evangélico no megatemplo contribuem para transformar a percepção dos crentes sobre o que é a vida do sujeito em suas sociabilidades e por dentro sua subjetividade, na escala micro. Uma vez que os megatemplos estão conectados a diferentes serviços inerentes à vida urbana - o que evidencia a religião evangélica operando nesses níveis -, interessa-nos em que medida o cristianismo evangélico quer construir esse indivíduo na sua subjetividade, que é, ao mesmo tempo, uma cidadania também. A FIGURA 2 estimula uma possível reflexão sobre o espraiamento dessas ações.

**FIGURA 2 – Alguns exemplos das escalas de atuação e consumo do megatemplo evangélico.**



Elaboração: Rita Gonçalo (2017). Fonte: Anotações de campo (2017).

Certamente esse arranjo tem algum impacto na vida urbana. Uma vez que os conceitos cristãos operam no mundo social continuamente, as regras de convívio que aparecem no funcionamento da cidade e no plano da subjetividade estarão mais ativas nos

crentes na medida em que eles se identificam com essas modalidades de amparo à vida que o megatemplo oferece. Lidar situadamente com os problemas, diluindo seus contornos, permite ao megatemplo evangélico se tornar uma ferramenta prática para sintonizar o “espaço comum” enquanto “potência de vínculo” entre cidadãos.

### 3. Hibridismo e consumo: o templo da glória do novo Israel

“Híbrido”, “hibridismo”, e “hibridização” são os atributos que mais frequentemente têm sido utilizados para caracterizar variadas facetas das sociedades contemporâneas. Essas palavras podem ser aplicadas às misturas culturais, à convergência das mídias, à combinação eclética de linguagens e signos (SANTAELLA, 2008). No campo dos estudos culturais, o termo “híbrido” notabilizou-se desde que Néstor Canclini (1997) empregou-o para caracterizar os interstícios, deslizamentos e reorganizações constantes dos cenários culturais, a expansão dos mercados e a emergência de novos hábitos de consumo.

Ao pensar o megatemplo enquanto território híbrido perguntamos: de que se constitui este lugar que é, ao mesmo tempo, uma miríade de lugares? Seguindo o argumento de Santaella (2007, p. 217), entendemos o megatemplo enquanto espaços de intersticiais, porque eles têm a tendência de dissolver as fronteiras rígidas entre o físico, o social e o cultural, criando um espaço próprio e único. Outro fator importante é sua estrutura organizacional. Os megatemplos fazem uma gestão dos públicos entre as reuniões e as atividades paralelas, com uma preocupação crescente não apenas no aumento de público, mas também na sua fidelização. Como espaço de aprendizagens informais e não apenas lúdicos, os megatemplos reúnem, nestes serviços, o ponto-chave para a captação de públicos e, simultaneamente, para justificar sua manutenção e permanência.

Assim, os megatemplos evangélicos têm em comum a capacidade de figurar no imaginário coletivo como ícones religiosos e urbanos. Os novos megatemplos são edifícios para “serem vistos”, cada vez mais um instrumento de valorização do cristianismo evangélico na cidade. O Templo Maior do Novo Israel, da Igreja Universal do Reino de Deus, mimetiza esses preceitos, como veremos a seguir.

#### 3.1. Lugar para Ver

Quando de sua fundação, no ano de 1977, a Igreja Universal do Reino de Deus adotava o estilo “franquia”, alugando galpões, cinemas, teatros ou espaços ociosos comumente utilizados para outras finalidades. Segundo Edlaine Gomes (2009), em meados da década de 90 a relação tensa e conflituosa estabelecida pela igreja com diferentes interlocutores – notadamente após o episódio do “chute à Santa<sup>6</sup>” -, assim como a questão

---

<sup>6</sup> Episódio televisivo ocorrido em 1995, quando Sérgio Von Helde (ex-bispo da IURD) proferiu insultos verbais e físicos contra uma imagem de Nossa Senhora Aparecida durante o programa matutino “O Despertar da Fé”,

## Megatemplos Evangélicos: Linguagens híbridas e estéticas de consumo no espaço sagrado

da autenticidade foram identificados como relevantes categorias para a compreensão da relação desta igreja com seus interlocutores, para desmistificar o caráter de “igreja-seita”.

Nesse momento a IURD passou a buscar a “concretização material das idéias de permanência, continuidade, vínculo com uma memória e história” (GOMES, 2009, p. 114). Tais noções rompem com a imagem de fluidez e descompromisso com o tempo e espaço, sugerido pelo estilo franquia. A noção de autenticidade da IURD proporia, assim, uma originalidade que lhe fosse peculiar, especialmente o diálogo com a cidade - no sentido da intervenção na paisagem urbana com a instalação de novos monumentos e grandes concentrações em locais públicos.

A construção de uma sede com aspecto de um lugar de memória e ícone urbano, atua como o principal suporte da materialização do projeto de igreja da IURD. Inaugurado em 25 de abril de 1999, o Templo da Glória do Novo Israel, situado em Del Castilho, foi concebido e edificado para expressar uma identidade distinta e fortalecida. O imóvel tem 72 mil metros quadrados de área construída, sendo que apenas o santuário, onde são realizados os cultos, mede 45 mil metros quadrados (O GLOBO, 2012). O megatemplo tem quatro pavimentos, mas com dimensões correspondentes a um imóvel de dez andares (FIGURAS 3 e 4), sendo que a legislação da área permite até 14 pavimentos<sup>7</sup>. Del Castilho, bairro da zona norte do Rio de Janeiro, é uma região definida no Plano Diretor Municipal como Macrozona de Ocupação Incentivada — isto é, bairros mais antigos da cidade cuja ocupação deve ser estimulada para aproveitar a infraestrutura existente (SMU-RJ, 2018).

**FIGURA 3 – Vista aérea do Templo Maior do Novo Israel (esq).**  
**FIGURA 4 – Fachada do Templo (dir).**



Fontes: [esq.] Reprodução: Universal. org<sup>8</sup>. [dir]. Foto: Rita Gonçalves (2018).

transmitido pela Rede Record. Na ocasião, Von Helde protestava contra o caráter do feriado nacional de 12 de outubro (dia de Aparecida, considerada pelos católicos como padroeira do Brasil). O acontecimento provocou forte repercussão na mídia e em grande parte da sociedade brasileira.

<sup>7</sup> Cf. O GLOBO-Rio. *A fé levanta paredes e legaliza megatemplo*. Disponível em <https://oglobo.globo.com/rio/a-fe-levanta-paredes-legaliza-megatemplo-4645794>. Acesso em: 14 ago. 2018.

<sup>8</sup> Disponível em: <https://sites.universal.org/universal40anos/artigo/32-a-primeira-sede-mundial-da-universal>. Acesso em: 14 ago. 2018.

A concepção de sua estrutura arquitetônica nos permite pensar que ali se encontraria o “centro do mundo iurdiano”, seu lugar de memória. Desta maneira, o princípio que perpassa a sua construção é o de estabelecer uma distinção entre a IURD e os demais segmentos religiosos. Durante minha visita de campo<sup>9</sup> no mês de março de 2018, em vários momentos os fiéis da congregação e outros transeuntes chamavam o conjunto de colaboradores da igreja de “nação”. Este é um componente significativo para pensarmos de que maneira esse megatemplo indica a forma com a qual a IURD elabora sua identidade, em referência à nação de Israel, caracterizada pelo conceito de “terra prometida” e pela noção de crescimento e expansão. Percebe-se que o Templo da Glória do Novo Israel foi elaborado de acordo com essa mesma lógica – a de ser grandiosa e monumental, expressando materialmente o que é a IURD.

### 3.2. Lugar para Socializar

A capacidade da nave principal está em torno de 8.870 pessoas (oito mil, oitocentos e setenta) sentadas em poltronas confortáveis. Durante os encontros aos domingos, com intensa circulação de pessoas, essa capacidade ultrapassa a de 10 mil fiéis, que podem também assistir às reuniões na área externa ao templo, na nave auxiliar. As reuniões regulares, com um maior número de pessoas, ocorrem na nave principal. Já a nave auxiliar é utilizada com frequência para encontros mais fechados, dirigidos para orientação e formação de obreiros. O prédio da extremidade direita conta com um heliponto. No setor leste do pátio, ao lado da cúpula da entrada auxiliar, há um centro de evangelização que acolhe diariamente pessoas em busca de necessidades emergenciais - como comida, roupas, remédios - e/ou espirituais. Este local acolhe também desabrigados, populações de rua, pessoas em situações de risco ou em outras circunstâncias de escassez, desde que estes mantenham firme o compromisso de se converterem e servirem à IURD (conforme relato de um interlocutor<sup>10</sup>).

A utilização desse local como espaço de sociabilidade dos membros da IURD e moradores do bairro foi destacado pelos interlocutores que se referiram à importância do Templo Maior como local de passeio, principalmente para aqueles que não possuem outras alternativas de lazer nos finais de semana. Assim, poderiam cumprir ao mesmo tempo suas responsabilidades religiosas e encontrar diversão. Essa informação corrobora, em certa medida, com os dados que encontramos na base da Secretaria Municipal de Urbanismo: Del Castilho é um bairro carente de equipamentos culturais e de lazer (FIGURA 5). A única opção alternativa é o Shopping Nova América Outlet, cujas modalidades de diversão não são frequentemente acessíveis às camadas populares, devido ao preço. Além disso, o entorno do megatemplo é composto pelas favelas do Mandela, Rato Molhado, Comunal do Guarda e Bandeira Dois. Por essa razão, muitos se sentem seguros em ver no Templo Maior um lugar

<sup>9</sup> Com colaboração do professor e historiador Robert Pechman (IPPUR/UFRJ) e da arquiteta Fernanda Bonfante (UNESA).

<sup>10</sup> Anotações de campo, março de 2018.



O Templo Maior não é somente palco de acontecimentos religiosos: foi concebido para receber membros e visitantes de todos os lugares e países, com a proposta de ser o único lugar do mundo fora de Israel que possui a Maquete de Jerusalém. O espaço, nomeado de Centro Cultural Jerusalém, integra o guia oficial de roteiro turístico e cultural do município do Rio de Janeiro, instituído pela PL nº 89/200912, da Câmara de Vereadores.

O centro cultural – que é anexo ao Templo da Glória do Novo Israel - possui uma entrada suntuosa que dá para a Av. Dom Helder Câmara, uma das principais vias de acesso que conecta as zonas Norte e Centro. Da entrada descemos dois lances de escada que dá acesso ao subsolo do estacionamento do Templo Maior, onde fica o salão do centro cultural. No hall de entrada há uma sala de leitura. Todas as instalações do centro cultural seguem um afastamento do cristianismo e uma apropriação dos elementos judaicos. Nos vidros da porta de entrada, da sala de leitura, da loja de souvenirs e do coffee shop, por exemplo, há tradução de passagem da Bíblia no alfabeto hebraico (que se lê da direita pra esquerda).

Na sala de leitura é possível encontrar todos os livros da Bíblia traduzidos em braile, o que demonstra a acessibilidade do Centro a certos portadores de necessidades especiais. De acordo com Elaine Cristina, gerente-geral do Centro Cultural, a doação da biblioteca bíblica em braile foi feita pela Sociedade Bíblica do Brasil. Os textos traduzidos possuem a versão “Nova Tradução na Linguagem de Hoje”.

A construção do Centro Cultural teve início no ano 2000, sob a idealização de Marcelo Crivella, tendo sido inaugurado em 2008. O terreno onde está instalado foi cedido pela Igreja Universal<sup>13</sup> embora o Centro Cultural Jerusalém possua um CNPJ diferente e total autonomia jurídica e administrativa.

A planta original da maquete data de 1965 e pertence à Universidade Hebraica de Jerusalém, que firmou parceria com o Centro Cultural para reproduzi-la aqui no Brasil. A maquete exhibe a cidade de Jerusalém do séc. I depois de Cristo (FIGURA 8). O suporte técnico e acadêmico para a manufatura da maquete foi também oriundo da Universidade Hebraica, cuja equipe de pesquisadores realizou toda a implantação do relevo. O material que compõe a maquete são as pedras usadas nos kibutz da Galileia (semelhantes à pedra-

---

12

Disponível

em

<http://mail.camara.rj.gov.br/Apl/Legislativos/scpro0711.nsf/2482d8d6bb90c4420325764000555c15/18d1bb55f99d9fe4032576b3006f2fd8?OpenDocument>. Acesso em: 03 mai. 2018.

<sup>13</sup> A área onde se encontra o centro cultural e a catedral do Templo Maior era de propriedade da antiga empresa Telerj, que veio à falência. Nos anos 1990, a IURD adquiriu o terreno, mas o licenciamento ainda está em andamento junto à Secretaria Municipal de Urbanismo, devido às modificações realizadas para a inclusão de estruturas complementares ao estacionamento do megatemplo. Tramita na Câmara de Vereadores o Projeto de Lei Complementar - PLC nº 78/2012, que fixa os parâmetros urbanísticos especiais para o terreno onde o templo foi erguido, bem como permite ampliações de áreas construídas para "estimular melhorias urbanísticas do bairro".

## Megatemplos Evangélicos: Linguagens híbridas e estéticas de consumo no espaço sagrado

sabão), juntamente com o iberê (massa plástica, usada na colagem de granitos e mármore). A maquete levou cinco anos para ser finalizada.

**FIGURA 8 – Maquete de Jerusalém no Centro Cultural Jerusalém.**



Foto: Fernanda Bonfante (2018).

O sistema de iluminação da maquete alterna as fases do dia (FIGURA 9). As luzes reproduzem um ambiente diurno, vespertino e noturno. No fundo musical é tocada suavemente a música chamada tefilá - uma oração hebraica cantada. Diz-se que essa mesma oração toca todos os dias, às 18hs, em Jerusalém.

O Centro Cultural Jerusalém recebe, em sua maioria, pessoas da comunidade judaica do Rio e São Paulo. Entre os profissionais e pesquisadores, a maior parte é de arquitetos e arqueólogos, sobretudo dos programas de pós-graduação em Arqueologia. Os domingos são geralmente o dia em que se recebem os grupos turísticos, nos horários de 14h e 18h. É também frequente a visita de judeus brasileiros e internacionais<sup>14</sup>.

---

<sup>14</sup> Detalhamento feito por Elaine Cristina, gerente-geral do CCJ, durante a visita de campo [março de 2018].

**FIGURA 9 – Interior do Centro Cultural Jerusalém: luzes que assemelham a luminosidade diurna, espaço de exposição e sala de apresentações.**



Foto: Rita Gonçalo (2018).

O roteiro turístico de percurso da maquete é direcionado para diferentes públicos. Nossa guia e interlocutora Elaine relata que, especialmente para cristãos evangélicos ou católicos, judeus e árabes, a fala e abordagem do guia turístico deve ser diferente, porque eles têm interesses distintos no conhecimento sobre a maquete.

Como o próprio nome do centro cultural indica, a referência ao Israel bíblico é fundamental neste processo, estando presente simbólica e materialmente no local. A construção do museu apresenta uma especificidade: sua arquitetura é regida pela ideia de levar o pensamento a Israel, expressos não só no discurso dos guias turísticos, mas também na própria página oficial do Centro Cultural: “Conheça a Terra Santa sem sair do Brasil”.

Para Gomes (2009, p. 121), trazer Israel para o Brasil “funda-se na concepção de propiciar um contato dos membros da IURD com o poder espiritual da Terra Santa”. Uma vez que poucos são os membros da igreja que possuem condições financeiras para realizar uma viagem à Israel, observa-se um delineamento inverso: ao invés de conduzir seus membros a Jerusalém, trata-se de “transportá-la” para o Brasil, conferindo novos significados e convergindo essa demanda de fiéis para ela.

A impossibilidade do contato com a Terra Santa, da experiência vivida pela maioria de seus membros, não constitui um impedimento da concretização dessa necessidade. Objetos são utilizados como meio de contato com este lugar sagrado, seja nos itens de decoração do museu ou nos utensílios à venda na loja de souvenirs (FIGURAS 10 e 11).

**FIGURAS 10 e 11 – Objetos à venda na loja de souvenirs do Centro Cultural Jerusalém (talit, kipá e candelabros).**



Fotos: Rita Gonçalo (2018).

Podemos concluir que toda a arquitetura e atmosfera do Templo da Glória do Novo Israel e Centro Cultural Jerusalém foram pensadas para proporcionar uma experiência de consumo estético agradável aos sentidos fisiológicos e espirituais. Ambos os lugares cativam não apenas os cristãos evangélicos, mas também pessoas de outras religiões e o público em geral. A autenticidade da construção se apresenta na ideia de “trazer Israel” para os fiéis, redefinindo a experiência espacial e sensível com a Terra Santa. É desta forma que a IURD imprime o aspecto simbólico da Terra Santa em sua concepção religiosa.

### Considerações Finais

Este artigo apresentou um estudo das relações e práticas produzidas a partir da monumentalização das igrejas evangélicas na forma de megatemplos – constituídas enquanto novas composições de lugares sagrados no cotidiano urbano em diálogo com questões relacionadas ao território, desenvolvimento local e consumo.

Destaca-se que os megatemplos evangélicos que se expandem pela topografia urbana nacional são um reflexo das mudanças ocorridas nas últimas décadas no campo religioso brasileiro, especialmente o fortalecimento e expansão do pentecostalismo. A extensão e força das denominações associadas ao atendimento das demandas no urbano decorrem dos distintos interesses que as igrejas evangélicas são capazes de articular.

Procurei considerar essas práticas em seus aspectos mais expressivos, de modo a apreendê-las em sua racionalidade e no contexto da dinâmica urbana examinada. Citei como objeto de análise o Templo da Glória do Novo Israel, da IURD, pelo qual as observações de campo apontam um projeto arquitetônico pensado para proporcionar uma experiência de consumo estético agradável aos sentidos fisiológicos e espirituais. Vislumbra-se a tendência de os megatemplos atuarem enquanto espaço religioso, cultural e de consumo, criando um ambiente para novos territórios híbridos, com equipamentos que vêm aumentar suas potencialidades comerciais.

Para que possamos contemplar o megatemplo para além de determinada solução arquitetônica ou imagética é preciso reconhecê-lo naquilo que o mobiliza e dá forma - que são as novas sociabilidades por ele produzidas e a monumentalidade como estratégia do poder político. Construir megaestruturas possibilita a formação de grandes audiências, a coesão de novas tecnologias comunicacionais, o estabelecimento de novas relações de poder e autoridade entre líder e multidões, bem como novas dimensões da cidadania. Por isso a investigação sobre as possibilidades políticas que dão suporte à emergência dos megatemplos também se constitui como foco importante para análises futuras. Entender essa multiplicidade contribuirá para a leitura deste fenômeno social e religioso a contrapelo de suas informações típicas, o que significa mostrar que o megatemplo e o cristianismo evangélico estão, de fato, codificados em múltiplas escalas.

**Artigo recebido em 04 de mai. 2019.**

**Aprovado para publicação em 03 de jul. 2019.**

## Referências

BEZERRA, Marcos O. Em nome das “bases”: política, favor e dependência pessoal. Rio de Janeiro: Relume-Dumará/NuAP, 1999.

CANCLINI, Néstor. G. Consumidores e cidadãos - conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

\_\_\_\_\_. Culturas híbridas, poderes obliquos. In: CANCLINI, Néstor Garcia. Culturas Híbridas - estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EDUSP, 1997.

## Megatemplos Evangélicos: Linguagens híbridas e estéticas de consumo no espaço sagrado

CAMPBELL, Colin. A ética romântica e o espírito do consumismo moderno. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

COX, Harvey. A cidade secular: secularização e urbanização na perspectiva teológica. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

DINIZ, José Eustáquio et.al. Distribuição espacial da transição religiosa no Brasil. Tempo Social, São Paulo, n. 29, vol. 2, p. 215-242, ago.2017.

GOMES, Edlaine. Ser única e universal: materializando a autenticidade na cidade do Rio de Janeiro. In: MAFRA, Clara; ALMEIDA, Ronaldo (Orgs.). Religioes e Cidades. Rio de Janeiro e São Paulo. São Paulo: Terceiro Nome, 2009.

HAGIN, Kenneth. O toque de Midas: uma abordagem equilibrada para a prosperidade bíblica. Rio de Janeiro: Graça Editorial, 2004.

HARVEY, David. Direito à cidade. In: Lutas Sociais, São Paulo, n.29, p.73-89, jul-dez. 2012.

\_\_\_\_\_. O Neoliberalismo: história e implicações. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

IBGE. Resultados do Censo 2010 – Características gerais da população e religião. Disponível em:

[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas\\_religiao\\_deficiencia/caracteristicas\\_religiao\\_deficiencia\\_tab\\_xls.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas_religiao_deficiencia/caracteristicas_religiao_deficiencia_tab_xls.shtm). Acesso em 11 mai. 2018.

MAFRA, Clara. Casa dos homens, casa de Deus. In: Análise Social, vol. XLII (182), 2007, p. 145-161.

\_\_\_\_\_. Os Evangélicos. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

MARIZ, Cecilia Loreto. Perspectivas Sociológicas sobre o Pentecostalismo e o Neopentecostalismo. Revista de Cultura Teológica, n. 13, São Paulo, 1995, p. 37-52.

MITCHELL, Timothy. Society, Economy, and the State Effect. In: Sharma, Aradhana; Gupta, Akil. The Anthropology of the State: a reader. Oxford: Blackwell Publishing, 2006.

ORO, Ari Pedro. Religião no espaço público: atores e objetos. São Paulo: Terceiro Nome, 2012.

ORO, Ari Pedro; STEIL, Carlos. Globalização e Religião. Petrópolis: Vozes, 1997.

REIS, Elisa Pereira. Sobre a cidadania. In: Reis, Elisa Pereira (Org.). Processos e escolhas. Estudos de sociologia política. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 1998.

SANTAELLA, Lucia. Linguagens líquidas na era da mobilidade. São Paulo: Paulus, 2007.

\_\_\_\_\_. A ecologia pluralista das mídias locativas. Revista FAMECOS, Porto Alegre, n. 37 • p. 20-24, dez. 2008.

SCOTT, Thumas; TRAVIS, Dave. Beyond Megachurch Myths: what we can learn from America's largest churches. New Jersey: Leadership Newark, 2007.

SECRETARIA MUNICIPAL DE URBANISMO – RJ. Informações urbanísticas. Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/web/smu/informacoes-urbanisticas>. Acesso em: 14 ago. 2018.

\_\_\_\_\_. Legislação Bairro a Bairro. Disponível em: <http://mapas.rio.rj.gov.br/>. Acesso em: 14 ago. 2018.

USARSKI, Frank. A mercantilização do dharma como desafio para a pesquisa sobre o Budismo no Brasil – reflexões sistemáticas. In: Maria Angela Vilhena; João Décio Passos (Orgs.). Religião e consumo: relações e sentimentos. São Paulo, Paulinas, 2012.

VAINER, Carlos B. Pátria, empresa e mercadoria: Notas sobre a estratégia discursiva do Planejamento Estratégico Urbano. In: Arantes, Otilia; Vainer, Carlos; Maricato, Ermínia. A cidade do pensamento único: desmanchando consensos. Petrópolis: Vozes, 2010.